

5

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo geral analisar o uso das conjunções / locuções conjuntivas concessivas, visando ao ensino de PL2E. Para isso, dois aspectos foram observados: o morfosintático, com a sistematização da correlação de tempos e modos verbais entre as orações principais e as subordinadas concessivas, e o semântico, com uma amostra de outros possíveis sentidos, além do contraste, que cada conector concessivo pode ter. Segundo Monteiro (1998),

Ainda que os compêndios gramaticais costumem listar essas conjunções [concessivas] como se elas pudessem ser substituídas umas pelas outras sem apresentarem quaisquer alterações no contexto, observa-se que, na realidade, isso ocorre de forma diferente. (...) a substituição de um conectivo por outro acarreta algumas mudanças de sentido nos enunciados, e isto se dá porque tais conectivos trazem consigo outros valores semânticos ao lado do valor de concessão. (p.2)

Havia duas hipóteses que foram comprovadas com a análise do *corpus*: na primeira, acreditávamos que as conjunções / locuções conjuntivas concessivas não eram semanticamente iguais, o que pudemos observar com os sentidos secundários trazidos pelos diferentes conectivos; na segunda, concordamos com o fato de as escolhas dos falantes serem determinadas por uma série de outros fatores, como o registro, o gênero, os participantes do ato comunicativo, o contexto, entre outros e, por isso, a opção por uma ou outra conjunção / locução conjuntiva concessiva estaria ligada à intenção do emissor, almejando seu propósito comunicativo.

Para que chegássemos à comprovação das duas hipóteses, primeiramente, fizemos uma revisão de literatura, apresentando a visão tradicional e a visão mais moderna, que adota o uso linguístico como objeto de estudo. Com a observação das gramáticas tradicionais de Rocha Lima (1986), Cunha & Cintra (1985) e Bechara (2004), percebemos que as diferenças semânticas não são abordadas em favor da semelhança do aspecto contrastivo entre os conectores concessivos; além disso, não há uma preocupação com as estruturas mais usuais entre os falantes de Português do Brasil. Ainda foi observada a gramática de Perini (2002) para aprendizes não nativos, que apresentou uma abordagem voltada para os

conectivos usados mais frequentemente pelos nativos nessas construções concessivas.

Dentro das novas perspectivas, observamos os trabalhos de Monteiro (1998), de Neves (2000), de Mira Mateus et alii (2003) e de Azeredo (2008). Com esses autores, pudemos ter contato com estudos atuais voltados para o uso real da língua, saindo de uma perspectiva prescritiva para uma descritiva, o que nos auxiliou na produção deste trabalho.

Em relação às bases teóricas que fundamentam nossa pesquisa, utilizamos a Teoria Funcionalista da Linguagem, que considera todo o contexto de interação para que seja feita uma análise mais detalhada de um determinado enunciado. Ou seja, nesta teoria, a linguagem não é um fenômeno isolado; ela serve a uma variedade de propósitos comunicativos, levando sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal (NEVES, 1997, p. 16).

Sob o paradigma funcionalista, optamos por abordar a Linguística Sistemico-Funcional de Michael Halliday (1994), que entende a língua como uma rede de possibilidades expostas aos usuários, que forma um sistema com a função principal de interação. Acrescentamos ainda a Gramática Funcional do Discurso, projetada por Hengeveld (2008), que adicionou o discurso como parte integrante do modelo funcionalista; dessa forma, os componentes contextual e cognitivo devem fazer parte de uma análise mais profunda, que deixa de ser somente horizontal, expandindo-se verticalmente (cf. p. 41).

Assim, chegamos à análise do *corpus* selecionado para este trabalho. Na primeira sessão do quarto capítulo, fizemos uma sistematização morfosintática em relação aos tempos verbais utilizados nas estruturas concessivas. Dividimos a sessão entre as conjunções / locuções conjuntivas concessivas que permitiam ou não o uso do modo indicativo além do modo subjuntivo nas orações subordinadas concessivas, apresentando quadros resumitivos das correlações encontradas para cada conector. Além disso, fizemos uma análise semântica de outros possíveis significados que as conjunções / locuções conjuntivas concessivas podem ter.

Na segunda sessão do quarto capítulo, comprovamos que cada um dos conectores concessivos analisados, apesar de serem colocados dentro de um mesmo grupo, apresentam características particulares de uso que determinam a escolha inconsciente que o falante nativo faz ao optar por um e não por outro.

Essas diferenças devem ser muito bem definidas no ensino de Português como segunda língua para facilitar o aprendizado dos falantes não nativos, fazendo com que eles se aproximem ao máximo do uso que o nativo faz da língua. Para isso, resumimos as informações encontradas neste trabalho em quadros que sistematizam as questões morfosintáticas e semânticas na terceira sessão do capítulo quatro.

Nessa terceira sessão, apresentamos três quadros que resumem os resultados da pesquisa. No primeiro quadro, indicamos a relação de conjunções e locuções conjuntivas analisadas, dividindo-as entre as que obrigam o emprego do modo subjuntivo e as que também permitem o modo indicativo. No segundo quadro, há a sistematização das correlações verbais possíveis entre as orações principais e as orações subordinadas concessivas que apresentavam o subjuntivo, já que o uso desse modo é mais restrito. Por fim, no terceiro quadro, apontamos algumas peculiaridades semânticas de cada conectivo analisado, verificando a existência de sentidos secundários à concessão.

Enfim, queremos com esta pesquisa mostrar como é vasto o estudo das construções concessivas, que não se esgota por aqui. Por isso, sugerimos que sejam feitos outros estudos que abordem o uso das conjunções / locuções conjuntivas concessivas, apresentado, por exemplo, outros conectores que podem expressar contraste, como quando e quer ... quer nos exemplos abaixo:

(246) *Diante dos banhistas em Copacabana, uma traineira pesca sardinhas, em pleno defeso, quando a atividade é proibida para preservar a espécie.*

(247) *Para Sérgio Abrantes, entretanto, o sucesso do futuro governo, quer seja com FHC quer seja com Lula, depende essencialmente do sucesso do programa de estabilização.*

Também seria interessante que se fizessem mais trabalhos de abordagem semântica que verificassem essas diferenças entre outros conectores adverbiais, como os causais, os temporais, os proporcionais, entre outros.

Finalmente, esperamos com esta pesquisa contribuir de alguma forma para o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo como segunda língua e como língua estrangeira, que ainda necessita de materiais que abordem de forma mais abrangente o uso de construções feitas inconscientemente pelo nativo falante de português, para que o aluno não nativo torne-se competente linguisticamente.

